



BUSCADORES/AS DA FEIRA DO IFRN PROCURAM PRODUTOS DE CONFIANÇA E ACESSIBILIDADE, MAS NÃO SE PREOCUPAM COM A CAUSA DA ECONOMIA SOLIDÁRIA

NOGUEIRA, Rebeca Eloisa da Silveira¹

¹ Estudante do quarto período do curso técnico integrado em Informática do IFRN – Campus Mossoró; Ex-bolsista do projeto Mulheres e Jovens: Economia Solidária como alternativa para ampliação do trabalho e renda em Natal e Mossoró no Rio Grande do Norte, projeto no qual foi base para este trabalho.

RESUMO

O capitalismo é um modo de produção criado historicamente. Tendo como princípios básicos a exploração e o lucro, sem a devida preocupação com a natureza ou com princípios morais, há grupos que buscam fugir desse modelo. Junto de diversas formas de opressão, as mulheres são um grupo extremamente atingido. A Economia Solidária se apresenta como uma alternativa adotada por diversos grupos. Entendendo isso, o projeto Geração Solidária fomenta, capacita e fortalece empreendimento solidários no RN. Uma das atividades promovidas pelo projeto é a realização da Feira de Economia Solidária do IFRN – Campus Mossoró. Abrangendo a comunidade acadêmica e externa, a feira é mais um espaço de comercialização a preço justo, contando com uma variedade de produtos agroecológicos, orgânicos e artesanatos. Neste processo, as mulheres são as grandes protagonistas no cultivo destes produtos. Para ampliar a compreensão deste processo, desenvolvemos um estudo sobre os/as buscadores/as da feira.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres. Agroecologia. Capitalismo. Patriarcado.

INTRODUÇÃO

O capitalismo é um modelo econômico construído historicamente baseado no lucro, exploração, competição, heterogestão, entre outras questões. Valter Pomar, em seu livro *Socialismo*, traz três pontos de vista sobre este modelo. O primeiro seria o de 'estado de espírito', relacionado historicamente à atitude humana de acumular riqueza, vinculando o capitalismo à natureza humana como algo egoísta, como instrumento de expressão de sua natureza; O segundo ponto é vinculado ao ato do comércio, com a famosa política do 'comprar barato e vender caro', acumulando capital. Esta análise surge em um período mais recente, pós-feudalismo; por último, a visão marxista, que vê a exploração do capitalismo na compra de trabalho e no processo de produção. Segundo Marx, não é possível que o lucro venha a surgir com a política comentada no ponto anterior, pois a acumulação se baseia na exploração do/a trabalhador/a (POMAR, 2018).

Para conhecer e estudar a sociedade, é necessário entender o seu modo de produção e reprodução, além de compreender o processo de geração de riqueza e como ela é distribuída. Pode-se conceituar modo de produção como a relação dos seres humanos entre si e a relação da humanidade com a natureza. Essas relações podem ser de cooperação, subordinação e exploração. Esta última se baseia em três pontos principais no que se refere as relações humanas: servidão, escravidão e assalariamento (POMAR, 2016).

Tomando este ponto como base, é importante entender como a mulher se encaixa nesse contexto. Antes do surgimento do capitalismo, em uma sociedade sem Estado e sem classes, o objetivo de cada cidadão era sua sobrevivência, ou seja, estava totalmente relacionado à obtenção de alimentos e à



reprodução da vida. Nesse contexto, Friedrich Engels coloca que a primeira divisão social do trabalho deu origem a primeira divisão da sociedade de classes. Com o pastoreio, a acumulação excedente na produção de alimentos permitiu a cultura de troca de produtos. Neste momento, a exigência de maior trabalho diário começou a ser suprida com a escravidão de prisioneiros das guerras.

Esse contexto acaba transformando as relações familiares da época. Os instrumentos e a produção dos alimentos faziam parte agora da vida do homem, conseqüentemente ele detinha todo o excedente de produção. À mulher, associava-se o trabalho doméstico, já que ela participava apenas do consumo, e não tinha direito à propriedade, que agora era privada. Diante disto, o homem acabou acumulando riquezas e elevando seu status social, enquanto a mulher teve que se resumir aos espaços privados e ao trabalho doméstico de cuidado com a casa e com a prole.

Segundo Engels,

A mesma causa que havia assegurado à mulher sua anterior supremacia na casa a exclusividade no trato dos problemas domésticos - assegurava agora a preponderância do homem no lar: o trabalho doméstico da mulher perdia agora sua importância, comparado com o trabalho produtivo do homem; este trabalho passou a ser tudo; aquele, uma insignificante contribuição. " (ENGELS, 1884, pág. 182)

Hoje, apesar da inserção da mulher no mercado de trabalho, as bases opressoras não caíram. Nesse sentido, uma nova base de estudos surge. Assim, a economia feminista começa a questionar a economia dominante no sentido de reconhecer apenas a produção mercantil, os produtos e serviços que são vendidos em mercados e o trabalho realizado majoritariamente por homens. Um dos seus objetivos é mostrar que o trabalho reprodutivo, realizado em sua maioria pelas mulheres, não está desvinculado da produção mercantil, visibilizando a contribuição das mulheres para a economia.

Somando-se a isso, temos uma crescente participação feminina no mercado de trabalho fazendo com que as mulheres também participem do trabalho produtivo. Isso originou uma dupla jornada de trabalho, já que os homens não começaram a participar do trabalho reprodutivo. O está totalmente relacionado à valorização do trabalho remunerado diante do trabalho não-remunerado (FERNANDEZ, 2018).

Segundo Nalu Faria, no livro Estatísticas rurais e a Economia Feminista, na esfera capitalista, o trabalho reprodutivo é a base de qualquer outro, conseqüentemente, o trabalho realizado pelos homens depende diretamente do trabalho destinado a mulheres. Nalu ainda diz:

[...] na sociedade capitalista as esferas mercantil e salarial dependem do trabalho doméstico e dos bens e serviços que aí se produzem. A produção mercantil não é autônoma e depende do trabalho não-remunerado nos lares. Nesse sentido há uma falsa autonomia dos homens que utilizam os bens e serviços realizados pelas mulheres" (FARIA, 2009, pág. 17)



Portanto temos que, historicamente, o capitalismo aprofundou o processo de exploração, reforçando a luta entre a classe operária e a burguesia. Sendo assim, deve-se entender que a luta das mulheres nesse processo é também um recorte de classe dentro da própria discussão. É entender que durante a construção do feminismo houve momentos em que só as mulheres brancas em posições privilegiadas construíam a luta, buscando somente pelos seus interesses. Por isso, é importante que a discussão sobre classes seja central dentro do feminismo, pois não é possível separar o patriarcado do capitalismo.

Neste sentido, compreender o processo de exploração da classe trabalhadora e das mulheres subordinadas que se encaixam ou não nesse patamar, se faz necessário para que se entenda o porquê da busca incessante por alternativas a este modelo.

Nesse contexto, grupos econômicos de pessoas excluídas procuram por modelos contra-hegemônicos. Atualmente, a Economia Solidária surge como uma das alternativas ao modelo vigente, trazendo como princípios básicos a autogestão, a solidariedade e a cooperação (Singer, 2002). Esta, relaciona-se à mudança no modo de produzir e comercializar e preocupando-se com a democracia, com a natureza e com a geração de renda para o/a trabalhador/a.

Este trabalho tem como objetivo analisar uma das atividades desenvolvidas pelo projeto **Mulheres e Jovens: Economia Solidária como alternativa para ampliação do trabalho e renda em Natal e Mossoró no Rio Grande do Norte**, conhecido como Geração Solidária. O projeto é uma parceria do IFRN com o Centro Feminista 08 de Março (CF8) e a Rede de Comercialização Xique-Xique. Criado em 2016, tem o objetivo de fomentar, capacitar e fortalecer os empreendimentos solidários constituídos por mulheres e jovens de baixa renda no Rio Grande do Norte.

Uma das primeiras atividades implantadas pelo projeto *Geração Solidária* foi a criação da Feira de Economia Solidária do IFRN – Campus Mossoró, objeto de estudo deste trabalho.

METODOLOGIA

Durante o processo de desenvolvimento do projeto, oficinas, mesas, seminários de capacitação foram ofertados para as mulheres e jovens assessoradas/os pelo projeto. Nestas atividades muito se é discutido sobre economia feminista e solidária. Mostrar para as mulheres que o seu trabalho produtivo no campo é base e essencial é um dos principais objetivos. Além disso, o projeto desenvolve seminários, exclusivo para as mulheres, nestes é trabalhado um processo de conscientização e estudo sobre o feminismo. Em relatos durante os encontros, as mulheres expõem como suas vidas sofreram grande mudança após o início das discussões, muitas, antes, não valorizavam o seu próprio trabalho. Ainda, é relatado que as relações familiares sofreram mudanças nesse processo, ponto fundamental para a emancipação das mulheres, que antes se viam em um estado de submissão ao marido, o que muitas vezes está relacionado à dependência financeira, consequência da desvalorização do seu trabalho.

Outras atividades práticas ainda são realizadas, como o seminário de capacitação de reuso de água realizado no campus Mossoró, no qual as mulheres foram convidadas a conhecer Monte Alegre,



comunidade localizada em Upanema/RN, onde se localizam dois sistemas de reuso de água produzidos pelas próprias mulheres com o apoio do CF8, que capacitou as mulheres da comunidade através do projeto Água Viva.

Para além da discussão, o projeto desenvolveu a Feira de Economia Solidária do IFRN – Campus Mossoró, relacionando diversos campos de conhecimento, entre eles estão a economia feminista, economia solidária e agroecologia, interligando o conhecimento popular com o conhecimento acadêmico.

A feira acontece semanalmente nas dependências do Campus, convidando dezenas de pessoas, incluindo comunidade acadêmica interna e externa, a buscarem produtos agroecológicos e orgânicos produzidos por agricultoras/es, artesãs/ãos e catadoras/es assessorados/as pelo projeto e cooperadas/os com a Rede Xique-Xique de Economia Solidária. A Rede reúne diversos empreendimentos de diferentes áreas de comercialização e fazem a interação com o IFRN e o campo acadêmico do projeto.

Além de ser mais um espaço de comercialização, a feira é um lugar de troca de saberes, conhecimentos, amizades, solidariedade e harmonia (Jesus e Damerçê, 2016). Entre os produtos comercializados estão: tomate cereja, mel, ovos, polpa de fruta, doces, queijos, hortaliças variadas, pães, bolos, tortas e, ainda, o artesanato.

Neste processo, as mulheres e jovens sempre são as/os protagonistas. A lógica da Economia Solidária está diretamente ligada à emancipação das mulheres e à visibilidade do seu trabalho.

Para a realização da feira, além das parcerias do projeto, conta-se com o apoio da equipe interna do projeto, constituída por bolsistas e docentes do IFRN, e equipe externa, composta por coordenação externa da Rede Xique-Xique e técnicos de campo, além de jovens e mulheres de grupos assistidos pelo projeto.

Em uma relação direta entre buscador/a, termo dado àqueles/as que comprem na feira, e vendedor/a, a atividade se mostra de extrema importância, tanto para os grupos, por ser mais um ponto de busca dos produtos, quanto para as pessoas que visitam a feira. Estas/es buscadoras/es têm acesso a produtos de qualidade, produzidos através da agricultura familiar, sem utilização de insumos químicos, despertando curiosidades e propiciando que as pessoas possam vir a conhecer um pouco mais sobre a Economia Solidária.

A dinâmica de ação ocorre da seguinte maneira: inicialmente a Rede Xique-Xique ia diretamente às comunidades para buscar os produtos, mas, devido ao custo alto e ao fim de alguns projetos que apoiavam a Rede, tornou-se uma ação inviável. Então hoje os/as próprios/as agricultores/as são responsáveis pelo transporte dos produtos até a sede da Rede. A partir deste momento, a Rede encaminha os produtos para as feiras que acontecem na cidade. E o transporte ocorre sempre no dia ou em dias anteriores às feiras, no caso de Mossoró, às terças e quintas.

Esse processo é muito importante porque elimina os atravessadores. No sistema capitalista, atravessadores são pessoas que têm recursos disponíveis e acesso aos mercados maiores, podendo assim, chegar diretamente às agricultoras e agricultores e convencê-las/os a vender seus produtos por um



III CIFA

COLÓQUIO INTERNACIONAL
FEMINISMO E AGROECOLOGIA:
TRABALHO, CUIDADO E BENS COMUNS

preço muito menor do que realmente valem, além de revenderem para os supermercados e outros centros de comercialização por um custo mais elevado. Isso acontece porque, além de comprar em grande quantidade, os/as produtores/as recebem o dinheiro na hora da venda, ao contrário da Rede Xique-Xique que só repassa o dinheiro mensalmente.

Quando os atravessadores buscam comprar os produtos não é levado em consideração qual o processo de produção daquele alimento, descuidando assim do ambiente onde se produz. Sendo assim, os/as agricultores/as, além de venderem o produto por um preço muito baixo, já que o objetivo final é apenas ter o produto em mãos, ele começará a buscar um meio de produção que tenha um custo mais baixo. Neste sentido, se cria a discussão sobre a exploração do agricultor/a para obtenção do lucro e da destruição do ambiente, aproveitando-se da falta de informação destes/as trabalhadores/as. Estas são lógicas de uma das bases de ação do capitalismo no campo.

Na Economia Solidária esse processo não é interessante, pois defende-se uma lógica de produção que é a agroecológica. Nesse processo, os valores agregados acabam se tornando muito maiores, além do financeiro há também os valores éticos, sociais e ambientais. E é por isso que o processo de conscientização dos/as produtores/as é bastante trabalhado.

A dinâmica da Feira se dá da seguinte forma: Todas as quartas, servidores terceirizados do IFRN arrumam as 4 mesas, estudantes arrumam uma mesa extra e cadeiras, e buscam o carrinho para carregar as caixas com os produtos. A partir das 8h da manhã os produtos estão sendo postos sobre as mesas, atraindo dezenas de buscadores/as que esperam ansiosos/as para adquirirem os produtos.



Figura 1 – Disposição da feira



Para estudar um pouco mais sobre o público da feira, foi elaborado um questionário simples no qual o entrevistado diria sua profissão, idade e em seguida responderia por que ele compra na feira, marcando de 1 a 5 a relevância de cinco características que a feira apresentava. Os critérios eram: a acessibilidade, amizade, causa, venda a prazo e confiança no produto. Destacamos que buscadoras/es não precisavam ordenar em importância e poderiam atribuir nota igual a cada um dos itens.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A realização da feira é sempre uma grande prioridade para o projeto por pensarmos que esta é uma das atividades mais importantes realizadas. É neste momento em que há uma maior interação entre a Rede Xique-Xique e a comunidade acadêmica e externa do campus, além de ser um momento em que a troca de conhecimentos sempre está presente. Os princípios da Economia Solidária são sempre trabalhados e colocados em prática.

Por experiência e acompanhamento semanal da Feira, sabemos que ela é um espaço que rende em média de R\$ 600,00 a R\$ 1000,00 por semana para as/os agricultoras/es, passando por lá cerca de 60 buscadoras/es. Como princípio de análise, entrevistamos 29 buscadores/as na primeira quarta-feira de setembro de 2018.

Observamos que: dentre o público da feira, estavam presentes servidores/as, professores/as, estudantes e comunidade externa, com uma idade variante de 16 a 65 anos.



Figura 2 - Relação bolsista/buscador durante a feira

Em resposta ao nosso questionário observamos que: 90% das pessoas têm total confiança nos produtos, sendo este supostamente um grande incentivo para buscarem produtos na feira. A acessibilidade com cerca de 76% é outro fator importante, de fato observa-se que buscadoras/es são em sua maioria funcionários/as do IFRN, sendo assim, a feira dentro da instituição atrai com facilidade estes/as buscadores/as. A causa do projeto é considerada importante para cerca de 57% das pessoas que buscam



os produtos, enquanto os vínculos de amizade com as/os agricultoras/es e bolsistas aparecem como importante para 46%, e, por último, a venda a prazo apresenta 38% de resposta máxima (dados brutos na Tabela 1).

AVALIAÇÃO	1	2	3	4	5
ACESSIBILIDADE	0	0	1	6	22
AMIZADES	0	3	7	5	13
CAUSA	0	0	4	8	16
CONFIANÇA NO PRODUTO	0	0	0	3	26
VENDE A PRAZO	11	2	2	0	9

Tabela 1 - Dados brutos sobre os motivos de se buscas na feira

Analisando esses dados podemos perceber uma falta de interação entre os/as estudantes e a feira, considerando que a maior parte dos/as buscadores/as são docentes e estão concentrados na faixa etária de 31 a 40 anos. Isso talvez ocorra pelos tipos de produtos que estão disponíveis e que, apesar da acessibilidade, talvez não interessem prioritariamente aos jovens. Pode ser, ainda, que estes jovens não entendam o objetivo da feira e o seu processo de construção.

Outro ponto a ser analisado é a qualidade do produto. Além de apresentar um preço justo, que não afeta negativamente o/a buscador/a ou produtor/a, os produtos passam por uma verificação antes de serem postos à venda.

Entende-se ainda que este é um espaço alternativo para a emancipação financeira das mulheres, já que os produtos que chegam até a feira são, em sua maioria, cultivados pelas mulheres. Neste sentido, as mulheres são protagonistas deste espaço. E, portanto, é uma grande alternativa, e quebra dos muros de uma comercialização exploradora, que não se dá a devida preocupação aos princípios morais e da natureza.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observamos que maior parte de buscadores/as é composta por docentes do IFRN/Mossoró e funcionários/as do Campus, tanto públicos como terceirizados, e que poucos/as discentes buscam a feira. A maioria das/os buscadores/as têm total confiança no produto ofertado por agricultores/as, mas apenas a metade dá um valor total a causa da Economia Solidária. Portanto, o objetivo de aumentar a fonte de renda de agricultoras/es é bem alcançado, e a confiança na produção agroecológica, familiar e orgânica é facilmente reconhecida, faltando-nos conseguir ampliar o pensamento sobre a questão contra-hegemônica da economia solidária.

Porém, os/as buscadores/as ainda não reconhecem a importância deste espaço para a construção



III CIFA

COLÓQUIO INTERNACIONAL
FEMINISMO E AGROECOLOGIA:
TRABALHO, CUIDADO E BENS COMUNS

de uma sociedade mais justa e solidária. Fazer com que entendam que a feira faz parte não só de um processo de emancipação, mas também como um dos poucos espaços em que as mulheres são protagonistas é um objetivo a ser alcançado.

Adicionalmente, cabe salientar que, através de um estudante de Gestão Ambiental do IFRN, a Feira já atingiu outro polo. Durante o ano de 2018 também contamos com a Feira de Economia Solidária da Justiça, que acontecia quinzenalmente nas dependências do Fórum Desembargador Silveira Martins. Além desta, outra Feira de Economia Solidária está sendo desenvolvida no IFRN – Campus Apodi. Sendo assim, o Projeto tem aberto portas para a expansão e divulgação de ideias como agroecologia, feminismo e economia solidária.

É importante salientar ainda, que devemos ampliar a divulgação das ideias da economia solidária com buscadoras/es, assim como, ampliar a participação de discentes como buscadores/as. Neste intuito, o projeto já realizou algumas atividades de inclusão do corpo acadêmico como café coletivo e batucada feminista durante o momento da feira.

O projeto finalizou formalmente junto ao ano de 2018, porém, a feira continuará sendo realizada pela Rede Xique Xique e o CF8 e membros internos do IFRN - Mossoró. Acreditamos que essa atividade seja muito importante para ampliar o processo de conscientização sobre Economia Solidária e Feminismo e que aos poucos possa crescer e atingir ainda mais o corpo acadêmico.

Por fim, entender que esta metodologia é de fato muito significativa, mas que não cessa definitivamente os impactos negativos causados pelo capitalismo é importante. É bastante relevante a criação de cooperativas neste meio de produção, mas deve-se compreender que o capitalismo neutraliza os impactos positivos trazidos pelas cooperativas. A questão é saber quem são os donos dos meios de produção e a exploração do trabalho deve sempre ser colocada em primeiro plano, lembrando-se sempre que o capitalismo não existiu sempre, foi construído historicamente e, por esse fator, também pode ser destruído por este meio. Mas, para isso, é preciso se organizar coletivamente, ou como diria Chico Science: “Que eu me organizando possa desorganizar, que eu desorganizando posso me organizar, que eu me organizando posso desorganizar”.

REFERÊNCIAS

POMAR, Valter. **Socialismo**. São Paulo: Editora Página 13, 2018.

POMAR, Valter. O vocabulário da luta. **Blog de Valter Pomar**, 2016. Disponível em: <<http://valterpomar.blogspot.com/2016/08/o-vocabulario-da-luta.html>>. Acesso em: 29 jun. 2019.

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do estado**. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.

FERNANDEZ, Brena P. M. Economia Feminista: metodologias, problemas de pesquisa e propostas teóricas em prol da igualdade de gêneros. **Brazilian journal of political economy**. São Paulo, v. 38, n. three, p. 559-583, Sept. 2018.



III CIFA
COLÓQUIO INTERNACIONAL
FEMINISMO E AGROECOLOGIA:
TRABALHO, CUIDADO E BENS COMUNS

JESUS, D., X., e DAMERCÊ, N., O., **Feira e lugar: Um olhar humanista sobre a feira-livre de Jacobina-BA**. Monografia, Universidade do Estado da Bahia, 2016.

SINGER, P. **A recente ressurreição da economia solidária no Brasil**. In: Boaventura de Sousa Santos (org) produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

SCIENCE, Chico; ZUMBI, Nação. **Da lama ao caos**. Rio de Janeiro, 1994. Disponível em: <<https://www.lyrics.com/lyric/30010261/Sepultura/Da+Lama+Ao+Caos>> Acesso em: 30 jan. 2019.